

Cruzando fronteiras: o javali e o porco

Crossing borders: the boar and the pig

Francisco Topa

Universidade do Porto/CITCEM
franctopa@gmail.com

Palavras-chave: Angola, José Luandino Vieira, fábula, conto popular.
Keywords: Angola, José Luandino Vieira, fable, popular tale.

O interesse e a valorização da cultura populares promovidos pelo Romantismo não contemplaram de imediato o espaço africano, que à época continuava a ser encarado sobretudo como fornecedor de mão-de-obra escrava. No caso português, esse desinteresse pode ser comprovado através da leitura do *Romanceiro* de Garrett e das obras dos seus continuadores (Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Ataíde de Oliveira, Leite de Vasconcelos), em que só se encontram ecos difusos da presença do negro. Isso é tanto mais estranho quanto, como é bem sabido, havia uma considerável população de origem africana a viver no território metropolitano desde pelo menos o século XV.

No caso da África sob dominação portuguesa, as primeiras recolhas científicas foram promovidas, no último quartel do século XIX, por Héli Chatelain (*1859 †1908), um missionário protestante suíço. Para além de outros importantes trabalhos, linguísticos e catequéticos, sobre o quimbundo, Chatelain publicou, em 1894, *Folk-Tales of Angola* (Chatelain, 1894), uma obra que só setenta anos mais tarde viria a ser traduzida para português (Chatelain, 1964). No prefácio da edição americana, escrevia o investigador que “The future of native Angolan literature in Ki-mbundu, only nine years ago so much derided and opposed, is now practically assured. J. Cordeiro da Matta, the negro poet of the Quanza River, has abandoned the Portuguese muse in order to consecrate his talents to the nascent national literature” (Chatelain, 1894, p. viii). Na verdade, Joaquim Dias Cordeiro da Mata (*1857 †1894), para além da publicação, em 1888, de um livro de poemas em português intitulado *Delírios*, deu ao prelo diversas obras sobre o quimbundo e a sua literatura, designadamente: *Jisábu, jihéng’êle, ifika ni jinóngonongo, josónéke mu kimbundu ni pûtu, kua mon’ Angola jakim ria matta* [Filosofia Popular em Provérbios Angolenses] (Matta, 1891); *Cartilha Racional para se aprender a ler o Kimbundu (ou língua angolense)*; *Escrepta segundo a Cartilha Maternal do Dr. João de Deus* (Matta, 1892); *Ensaio de Diccionario Kimbundo-Portuguez* (Matta, 1893).

Embora outros trabalhos de Cordeiro da Mata se tenham perdido, a verdade é que a previsão de Chatelain tardaria a concretizar-se ou concretizar-se-ia de outro modo: em lugar de uma literatura nacional em quimbundo, Angola foi construindo a sua literatura nacional em português, no seu português. E, ao contrário do que aconteceu com outras literaturas africanas, a de Angola pouco explorou o filão da literatura tradicional oral e as potencialidades das línguas nacionais, mesmo depois da independência. Há contudo exceções dignas de registo, no passado como no presente. Um dos casos é representado por Zetho Cunha Gonçalves, conhecido sobretudo pelos seus trabalhos no domínio da literatura infantil. No segundo volume de *Rio sem margem*, este autor recria, em português e a partir de recolhas de textos orais, formas tradicionais como os provérbios. Vejamos um exemplo particularmente sugestivo:

FALAÇÃO E APARÊNCIAS
[Tradição Oral Umbundu, Angola]

1.

A ave
partiu a perna,
e a Terra tremeu?

– Se és belo,
ri com os outros,
para que te digam
que és simpático.

2.

O que diz o batuque,
ouve-o no som;
o que dizem as pessoas,
perscruta-o na direcção do vento:

– onde tropeça a canoa,
se não há areia,
há pedra. (Gonçalves, 2013, p. 84)

Consideremos ainda outro texto, este representativo das potencialidades poéticas da adivinha:

O COGUMELO III
[Tradição oral Nganguela, Angola]

A varanda
rodeia
a casa toda,

e um pau apenas
a sustenta

– o cogumelo. (Gonçalves, 2013, p. 26)

Outro caso interessante é o de José Luandino Vieira, que vem publicando nos últimos anos, em Portugal, uma série de textos apresentados como fábulas angolanas e que mereceu já a atenção de vários estudiosos, como Inocência Mata (Mata, 2014) e Ana Margarida Ramos (Ramos, 2015). Esta última investigadora mostrou aliás que se trata de um projeto mais antigo, iniciado nos anos 60 do século passado, com a publicação do texto *Porquê o morcêgo come de noite* (Vieira, 1964). É também um conto (ou fábula) etiológico que gostaria agora de considerar. Intitulado *Kiombokiadimuka e a liberdade* (Vieira, 2008), foi incluído numa série que ilustra grandes valores éticos, neste caso, como o indica o próprio título, a liberdade.

Quem conheça a antologia de Héli Chatelain atrás referida facilmente se apercebe de que se trata de uma recriação do conto XXXVI, intitulado *Ngulu ni kiombo* [O porco e o javali] (Chatelain, 1964, pp. 408-9). Há contudo diferenças significativas entre os dois textos, a começar pelo facto de o livro de Luandino estar em português – no português de Angola ou no português de Luandino – e ter sido editado em Portugal, no âmbito de uma coleção para crianças. A questão da língua será abordada mais tarde. Quanto à outra, creio que não se justifica discutir agora a questão de saber se há de facto uma literatura infantil: do meu ponto de vista, haverá quando muito uma leitura infantil. Como o provam os melhores exemplos, antes do qualificativo *infantil* deve estar o nome, *literatura*, o que será suficiente para justificar o título feliz de um volume organizado por Adriana Calcanhotto: *Antologia ilustrada da poesia brasileira para crianças de qualquer idade* (Calcanhotto, 2013). De uma outra maneira, como escrevi em tempos (Topa, 1998, p. 39), o princípio foi bem ilustrado por Fernando Pessoa, que a propósito de *Bartolomeu Marinheiro*, de Afonso Lopes Vieira, disse que “Nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças” (Pessoa, 1987, p. 44).

Quanto ao conto recolhido por Chatelain, convém observar antes de mais que ele se segue a um outro de sentido exatamente contrário, como aliás é comum em vários domínios da literatura tradicional oral (e da literatura *tout court*). Intitulado *Imbua ni Mbulu* [O cão e o chacal] (Chatelain, 1964, pp. 406-7), o texto fornece uma explicação para a domesticação do cão e para o uivo do chacal: enviado por este a pedir fogo a uma aldeia, o cão recebe de uma mulher restos de alimento humano, o que o leva a considerar: “para que hei-de estar a morrer de fome no mato se na aldeia tenho comida? E resolveu ficar na casa” (Chatelain, 1964, p. 407). Traído pelo companheiro, o chacal passou a uivar, o que foi interpretado pelas pessoas como uma queixa. Não havendo uma moralidade explícita, como é frequente no conto popular, o texto não condena a opção do cão, embora sublinhe de algum modo a sua deslealdade. Já em *Ngulu ni kiombo* a lição está contida apenas no destino do porco, que é sacrificado quando “já tinha deixado nova geração para o substituir”.

Luandino Vieira, aproveitando o facto de as personagens serem animais, transforma o conto numa fábula, introduzindo uma moralidade explícita, já patente no título e reforçada pelos nomes atribuídos aos protagonistas: *Kiombokiadimuka* (< kiombo – javali; dimuka – esperto) e *Ngulukioua* (< ngulu – porco; kioua – tolo). Os desenhos das primeiras páginas, na verdade variações da ilustração que ocupa as páginas centrais, confirmam esta ideia e a primeira apresen-

tação dos dois animais, que são dados como irmãos: Ngulukioua é desenhado a castanho e Kiombokiadimuka a vermelho, havendo uma simetria axial entre as duas representações, o que sublinha o laço fraternal que os une e os caminhos antagónicos que cada um tomou. Outro elemento interessante das figuras está no facto de cada um dos animais ter (aquilo que pode ser interpretado como) duas cabeças, numa eventual sugestão da dualidade que os caracteriza. Podemos ainda reconhecer que estas extremidades arredondadas lembram também falos, o que é condição para o destino de Ngulukioua: depois de reproduzir, será morto.

Um aspeto essencial da fábula construída por Luandino é a sugestão de uma espécie de tempo primordial, uma quase idade do ouro, em que não há divisão entre os animais e os homens: note-se que Ngulukioua recebe “mulher” quando é acolhido no quimbo e que Kiombokiadimuka avisou o irmão dizendo: “No quimbo não gostam os do muxito”. Significa isto que a divisão não é entre animais e homens, mas entre os do quimbo e os do muxito, isto é, entre os da aldeia e os do mato, ou, num registo alegórico de outro tipo, entre os civilizados e os selvagens, os europeus e os africanos, os brancos e os negros. E esta divisão tem uma base alimentar, que funciona bem em todos os planos de leitura, na medida em que tem um carácter simultaneamente natural e cultural, como se vê por aforismos como “A tua comida é que é a tua comida!” (formulado por Kiombokiadimuka) ou “O doce é amargo!” (que Ngulukioua grita no momento da morte).

Uma segunda observação tem que ver com a impressão de a fábula de Luandino ser semelhante a versões presentes noutras culturas, designadamente a europeia. Para ficarmos apenas por aquele que passa como primeiro grande cultor do género, Esopo, é possível identificar pelo menos seis narrativas que manifestam alguma proximidade face à história do autor angolano. A mais parecida será talvez *O lobo e o cão*¹, em que um lobo vê um cão gordo preso pela coleira, exclamando: “Autant la faim qu’un collier pesant”. Semelhante a esta mas tendo burros como protagonistas, atribui-se também a Esopo a fábula *O asno selvagem e o ano doméstico*². Na mesma linha se conta ainda *O asno que louvava a sorte do cavalo*³, em que o burro muda de opinião quando vem a guerra e o cavalo passa a estar exposto a grandes perigos, ou *O cão de combate e os cães*⁴, a história de um cão bem alimentado e forte, preparado para lutar contra as feras, mas que arranca a coleira e foge, para espanto dos cães comuns, que acabam por reconhecer que, embora pobres, têm uma vida boa, na medida em que não têm de enfrentar leões nem ursos. Temos ainda a bem conhecida fábula *O rato do campo e o rato da cidade*⁵, cujo comentário final nos diz “qu’il vaut mieux mener une existence simple et paisible que de nager dans les délices en souffrant de la peur”. Por fim, a uma distância maior, poderíamos citar *Os cães reconciliados com os lobos*⁶, em que aque-

¹ “226. Le loup et le chien” (Ésope, 1967, p. 100).

² “264. L’âne sauvage et l’âne domestique” (Ésope, 1967, p. 117).

³ “268. L’âne louant le sort du cheval” (Ésope, 1967, pp. 118-9).

⁴ “179. Le chien de combat et les chiens” (Ésope, 1967, p. 78).

⁵ “243. Le rat des champs et le rat de ville” (Ésope, 1967, pp. 107-8).

⁶ “216. Les chiens réconciliés avec les loups” (Ésope, 1967, p. 95).

les se deixam enganar pelos segundos, permitindo-lhes o acesso aos rebanhos que guardavam e acabando mortos por eles, o que justifica a seguinte conclusão: “Tel est le salaire que recçoivent ceux qui trahissent leur patrie”.

Em todas estas fábulas há uma inegável semelhança de enredo: há sempre dois animais parecidos em confronto, um doméstico e um selvagem – ou um bem tratado e o outro não –, mostrando-se que as coisas não são o que parecem e que é preferível a pobreza resignada a um bem-estar rodeado de perigos e mais ilusório que real. A grande diferença da fábula angolana está, por um lado, no ponto de vista (a história e a conclusão são apresentadas pela perspectiva do animal selvagem) e no *tom* da conclusão: em vez da resignação e da lamúria que lemos em Esopo, a nota dominante na fábula de Luandino é o orgulho, o que está de acordo com a linha de sentido que o texto vai propondo. Por outro lado, a utilização do português de Angola e o recurso a espaços ao quimbundo despertam – pelo menos no leitor adulto de Portugal – uma surpresa que o vai tornando disponível para outras formas de dizer que abrem para significados mais largos. Veja-se o caso de uma expressão como “morar nos homens” (em vez de “morar com os homens”): a preposição ‘diferente’ torna mais profunda a mudança de vida anunciada por Ngulukioua; não se trata apenas de ir morar entre os homens, mas antes de tornar-se (tentar tornar-se) um deles. Frases como “Foi a fome.” ou “Uma grande seca veio.” permitem – graças a um verbo menos previsível ou à mudança da ordem dos elementos na frase – sugerir uma voz fora do tempo e por isso com maior autoridade para transmitir uma lição de vida.

Difícilmente a fábula voltará a ter o prestígio que teve outrora ou a suscitar o interesse que lhe dispensaram os nossos clássicos (de Sá de Miranda a Bocage, passando por Diogo Bernardes, D. Francisco Manuel de Melo ou Filinto Elísio). Mas a verdade é que o mundo está a mudar e é cada vez mais ténue a linha que separa os homens dos animais, como o comprova a recente alteração ao Código Civil que determinou que estes deixassem de ser considerados como coisas. Não será ainda *O triunfo dos porcos*, mas *Kiombokiadimuka e a liberdade*, recriando um conto tradicional de Angola, apresenta-nos o caso do porco para repensarmos questões de sempre: mais do que o confronto civilizado/selvagem, europeu/afriicano, branco/negro, o problema decisivo da identidade e da resistência, comum a todos os povos de todas as épocas.

Referências bibliográficas

- Calcanhotto, Adriana (2013). *Antologia ilustrada da poesia brasileira para crianças de qualquer idade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Chatelain, H. (1894). *Folk-tales of Angola: Fifty Tales, with Ki-mbundu Text, Literal English Translation, Introduction, and Notes*. Boston and New York: American Folk-lore Society.
- Chatelain, H. (1964). *Contos populares de Angola*. Edição portuguesa dirigida e orientada pelo Dr. Fernando de Castro Pires de Lima. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.
- Ésope (1967). *Fables*. Texte établi et traduit par Émile Chambry (3^{ème} tirage). Paris: Les Belles Lettres.
- Gonçalves, Z. C. (2013). *Rio sem margem: poesia da tradição oral: livro II*. Vila Nova de Cerveira: Nósomos.
- Mata, I. (2014). As estórias de Luuanda como fábulas angolanas: entre disjunções e confluências. *Diacrítica*, 28, 3, 31-50.

- Matta, J. D. C. (1888). *Delírios: versos: 1875-1887*. Loanda. [Reeditado, com prefácio de Eduardo Bonavena, pela IN-CM, em 2001].
- Matta, J. D. C. (1891). *Jisábu, jihéng'èle, ifika ni jinóngonongo, josónéke mu kimbúndu ni pútu, kua mon' Angola jakim ria matta*. Lisboa: Typographia e Stereotypia Moderna.
- Matta, J. D. C. (1892). *Cartilha Racional para se aprender a ler o Kimbundu (ou língua angolense): Escripção segundo a Cartilha Maternal do Dr. João de Deus*. Loanda.
- Matta, J. D. C. (1893). *Ensaio de Dicionário Kimbúndo-Portuguez*. Lisboa: Typographia e Stereotypia Moderna.
- Pessoa, F. (1987). Naufrágio de Bartolomeu. *Obras em Prosa II*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ramos, A. M. (2015). Fábulas e parábolas: aproximações aos livros para crianças de Luandino Vieira. In F. Topa, & E. Pereira (Ed.), *De "Luuanda" a Luandino: veredas* (pp. 183-189). Porto: CITCEM/Edições Afrontamento.
- Topa, F. (1998). Agustina e o outro lado da infância. *Olhares sobre a literatura infantil: Aquilino, Agustina, conto popular, adivinhas e outras rimas*. Porto: Edição do Autor.
- Vieira, J. L. (1964, 12 de junho). Porquê o morcêgo come de noite. *ABC – diário de Angola*. Luanda, 3; *Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, XVI, 1, 80-81.
- Vieira, J. L. (2008). *Kimbokiadimuka e a liberdade*. Leça da Palmeira: Letras & Coisas.

Resumo

Depois de uma breve introdução sobre o modo como a literatura angolana se tem relacionado com a vertente tradicional do seu património, o artigo estuda uma fábula de Luandino Vieira intitulada *Kimbokiadimuka e a liberdade*, relacionando-a com um conto popular recolhido por Héli Chatelain e com fábulas de Esopo.

Abstract

After a brief introduction about the way Angolan literature has been related to the traditional aspect of its heritage, the article studies a fable by Luandino Vieira entitled *Kimbokiadimuka e a liberdade*, relating it with a popular tale collected by Héli Chatelain and with Aesop's fables.